



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA
ESTADO DE RORAIMA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA – UERR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS – PPGEC

CARTILHA COM ORIENTAÇÕES DE UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA DO TEMA DE PESQUISA

ADRIANA CARLA OLIVEIRA DE MORAIS VALE

Orientador: Prof. Dr. Josias Ferreira da Silva

BOA VISTA – RR
2017



Copyright © 2017 by Adriana Carla Oliveira de Moraes Vale

Todos os direitos reservados. Está autorizada a reprodução total ou parcial deste trabalho, desde que seja informada a **fonte**.

Universidade Estadual de Roraima – UERR
Coordenação do Sistema de Bibliotecas
Multiteca Central
Rua Sete de Setembro, 231 Bloco – F Bairro Canarinho
CEP: 69.306-530 Boa Vista - RR
Telefone: (95) 2121.0945
E-mail: biblioteca@uerr.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V149c VALE, Adriana Carla Oliveira de Moraes.
Cartilha com orientações de utilização da metodologia do tema de pesquisa. /
Adriana Carla Oliveira de Moraes Vale. – Boa Vista (RR) : UERR, 2017.

25f. il. Color. 30 cm.

Produto pedagógico que acompanha a Dissertação: Contribuições pedagógicas para o ensino de ciências na educação infantil, apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências, sob a orientação do Prof^o. Dr. Josias Ferreira da Silva.

1. Ensino de Ciências 2. Educação Infantil 3. Tema de Pesquisa I. Silva, Josias Ferreira da (orient.) II. Universidade Estadual de Roraima – UERR
III. Título

UERR.Dis.Mes.Ens.Cie.2018.06.1

CDD – 372.3 (19. ed.)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Sônia Raimunda de Freitas Gaspar – CRB 11/273 – RR



EDITORIAL

Aos professores,

Esta cartilha foi desenvolvida com o objetivo de apresentar orientações para o uso da metodologia do Tema de Pesquisa nas aulas de Ciências com crianças do 2º período da Educação Infantil. Esta é um Produto Pedagógico do trabalho de pesquisa “Contribuições Pedagógicas para o Ensino de Ciências na Educação Infantil”, do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional de Ensino em Ciências da Universidade Estadual de Roraima - UERR, vinculada a Linha de Pesquisa I - Métodos Pedagógicos e Tecnologias Digitais no Ensino de Ciências, sob a orientação do prof. Dr. Josias Ferreira da Silva.

Para tanto, apresenta informações gerais sobre a Metodologia do Tema de Pesquisa e a Educação Infantil, destacando os objetivos desta etapa de ensino com ênfase no Ensino de Ciências.

Desta forma, acreditamos que esta cartilha pode contribuir com o trabalho pedagógico dos professores que pretendem dinamizar o Ensino de Ciências por meio da metodologia do Tema de Pesquisa.

1. CONCEPÇÕES DE CRIANÇA E EDUCAÇÃO INFANTIL: VISÃO GERAL

O entendimento do que é ser criança, a infância e a função da Educação Infantil, tem-se reelaborado com as transformações sociais, econômicas e culturais em diferentes tempos históricos da humanidade. As concepções construídas nos levam a conhecer crianças e infâncias, distintas e singulares ao mesmo tempo.

Como destaca os estudos realizados por Ariès (1981) na primeira infância, em algumas antigas sociedades, as crianças viviam com suas famílias, assistidas principalmente pelas mulheres, colocadas à margem da vida social não havendo o reconhecimento do desenvolvimento infantil. As mães de classes mais abastadas entregavam seus filhos para às amas-de-leite para cuidarem e mais tarde as entregavam em conventos, onde aprenderiam o canto e as artes de bordar, as meninas ou no caminho das letras, se meninos (RIZZO, 2003). Na classe abastada o aborto era permitido e aceito com naturalidade. Já para os camponeses a mão-de-obra infantil valia ouro.

Em algumas sociedades as crianças recebiam cuidados e atenção dos pais quando pequenas, que buscavam atender suas necessidades físicas. A família também permitia que estas participassem das atividades de lazer e atividades domésticas, o que possibilitava o convívio social com os demais adultos do meio em que viviam. Mesmo assim, pode-se dizer que não havia compreensão e valorização da identidade da criança, dos seus modos de ver e agir no mundo, dentro de suas especificidades e singularidades. De acordo com o estudo de Ariès (1981, p.10), “a criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato”. A criança era considerada um “miniadulto”. Pois vestia-se e comportava-se como adulto.

No Brasil as concepções de crianças e infância também passaram por diversos momentos de reflexões e tentativas de acerto que continuam em constante ir e vir.

Até meados do séculos XIX, no Brasil, na área rural, o atendimento de crianças em instituições como creches não existiam. A maior parte da população morava na zona rural e as crianças que eram órfãs ou abandonadas, eram criadas por fazendeiros da região. Já na zona urbana, em algumas cidades, desde o início do século XVIII, as crianças abandonadas pelas mães eram

recolhidos nas “rodas dos expostos ou excluídos” através das Santas Casa de Misericórdia. Dos anos de 1701 a 1800, foi criada a escola como lugar de ordem e homogeneização das crianças oriundas das elites. Aquelas que ficavam fora desta instituição eram consideradas as sem possibilidades, sem família, sem poder, sem dinheiro: os “menores” (OLIVEIRA, 2011).

O Departamento Nacional da Criança, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, criou a Casa da Criança em 1942. Nos anos 60 até os anos 70, as creches ainda apresentavam um caráter assistencialista, mas já sinalizava uma “preocupação de alguns grupos sociais com a organização de instituições para evitar a marginalidade e a criminalidade de crianças e jovens da população mais carente” (OLIVEIRA, 2011, p. 101). Algumas mudanças importantes ocorreram nesse período, entre elas a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB (Lei 4024/61) que apontou a discussão da inclusão no sistema de ensino a criação dos jardins de infância. Oliveira (2011, p.102) mostra os artigos 23 e 24 como dispunha na Lei 4024/61:

Art. 23 – A educação pré-primária destina-se aos menores de 7 anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins de infância.
Art. 24 – As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária.

A partir dos anos 1990 aos anos 2000, no Brasil e no mundo, se intensificam as políticas públicas para a Educação Infantil, mediante a elaboração de documentos e legislações que buscam garantir o direito e o acesso, possibilitando oportunidades para as crianças estudarem em escolas públicas de qualidade. Um deles é o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA em 1990, como também a Coordenadoria de Educação Infantil (Coedi) do MEC “desenvolveu, por meio de encontros, pesquisas e publicações, importante papel de articulação de uma política nacional que garantisse os direitos da população até 6 anos a uma educação de qualidade em creches e pré-escolas” (OLIVEIRA, 2011, p. 117). Esse reconhecimento da Educação Infantil como direito das crianças é determinado nos documentos e em programas oficiais do governo federal relativos à Educação.

Atualmente, com as mudanças de concepções da Educação Infantil, estas instituições tornaram-se indispensáveis na sociedade possibilitando à ampliação das políticas públicas fazendo com que as crianças tenham acesso as escolas bem cedo,

muitas delas ainda bebês iniciam a vida escolar. O papel dessas Instituições “[...] é determinante para a inserção da criança na cultura, compartilhando com a família a responsabilidade pela formação humana de seus filhos (BRASIL, 2005, p. 28)”.

2. ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir da evolução acerca da criança e da Educação Infantil, percebe-se os avanços e seus desafios na promoção de experiências práticas e efetivas que visem a ampliação da visão de mundo dessas crianças. As crianças pequenas, possuem uma curiosidade intrínseca e desejo de compreender o mundo a sua volta. Ao observá-las e ouvi-las, pode-se facilmente evidenciar suas explicações sobre os fenômenos do cotidiano, suas hipóteses e maneiras particular de explicar os acontecimentos do seu meio. (VIECHENESKI; CARLETTTO, 2013, p. 526).

Nesse sentido, os professores de Educação Infantil devem estar atentos para o seu fazer educativo, trazendo seu espírito investigativo, “estimulando-os a levantar novas hipóteses, a questionar, confrontar ideias, e construir conceitos científicos acerca dos fenômenos naturais, dos seres vivos e das inter-relações entre o ser humano, o meio ambiente e as tecnologias” (VIECHENESKI; CARLETTTO, 2013, p. 526). Dessa forma, fazendo-os entender o processo científico, no processo de aprendizagem.

É importante que o Ensino de Ciências favoreçam o contato da criança com os elementos citados anteriormente, mas também, que a criança possa assumir um papel significativo como cidadão, num processo dialógico de interação social e aprendizagem compartilhada de uma forma interdisciplinar.

Nessa perspectiva, o trabalho com Alfabetização Científica para crianças de 5 anos da Educação Infantil, tem como propósito dar vida à Ciência em sala de aula e fora dela, modificando o foco do ensino dos fatos para o ensino das crianças, em um processo de descoberta que se caracteriza por ser dinâmico e vigoroso, considerando as peculiaridades das crianças nessa etapa de ensino.

Assim, Harlan; Rivkin (2002, P.46) entendendo que: “A abordagem circunstancial às ciências pode ocorrer a qualquer momento e em qualquer local, sempre que a curiosidade infantil for despertada por algo significativo [...]”.

Pensando desse modo, concordamos com Lorenzetti; Delizoicov (2001) quando nos traz a Alfabetização Científica como “uma atividade vitalícia”, uma vez que não supõe um estágio de término, mas se dá durante toda a vida do educando. Outro aspecto importante destacado pelos autores é a conceituação e definição de Alfabetização Científica nos anos iniciais, ampliamos essa definição para a educação infantil,

[...] partindo do pressuposto que a alfabetização científica é um processo que tornará o indivíduo alfabetizado cientificamente nos assuntos que envolvem a Ciência e a Tecnologia, ultrapassando a mera reprodução de conceitos científicos, destituídos de significados, de sentidos e de aplicabilidade (LORENZETTI; DELIZOICOV, 2001, p. 4).

A Alfabetização Científica que pensamos para a Educação Infantil corrobora com Lorenzetti; Delizoicov (2001, p.8) pois,

[...] preocupa-se com os conhecimentos científicos, e sua respectiva abordagem, que sendo veiculados [desde a educação infantil] se constituam num aliado para que o aluno possa ler e compreender o seu universo. Pensar e transformar o mundo que nos rodeia tem como pressuposto conhecer os aportes científicos, tecnológicos, assim como a realidade social e política. Portanto, a alfabetização científica no ensino de Ciências Naturais [desde a educação infantil] é aqui compreendida como o processo pelo qual a linguagem das Ciências Naturais adquire significados, constituindo-se um meio para o indivíduo ampliar o seu universo de conhecimento, a sua cultura, como cidadão inserido na sociedade.

Partindo desta compreensão percebe-se que a instituição de Educação Infantil precisa pensar suas propostas pedagógicas dentro do contexto das crianças, para dar conta de alfabetizar cientificamente. Perpassando por diversos espaços e meios que podem auxiliar na complexa tarefa de possibilitar a compreensão do mundo e garantir, no entanto, “a especificidade do trabalho educativo escolar na medida em que a atuação docente, mais que solicitada, é necessária para o planejamento e condução do que se propõe” (LORENZETTI; DELIZOICOV, 2001, p.9).

3. O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No Brasil, o Ensino de Ciências passou a fazer parte do Ensino Fundamental em 1961, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB – Lei nº 4024/61. Para as crianças da Educação Infantil temos os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI (1998), no volume 3 apresenta uma proposta de trabalho a ser desenvolvida na área de Ciências da Natureza, no nosso trabalho será desenvolvido o Tema de Pesquisa utilizando os conteúdos do bloco Seres Vivos.

O Ensino de Ciências, assume um papel significativo na formação do cidadão, e remete ao professor o desafio de promover a ação pedagógica a partir de uma abordagem interdisciplinar e contextualizada, ou, dito de outro modo, desenvolver uma prática centrada na articulação dos conhecimentos das diversas áreas entre si, e entre essas e o mundo dos alunos. Trata-se de um processo dialógico, que envolve sujeitos em interação social de produção e aprendizagem compartilhada em sala de aula (VIECHENESKI; CARLETTO, 2013, p.524).

Nesse cenário de discussões para o Ensino de Ciências, ainda é levantado a seguinte pergunta: Por que ensinar Ciências? Fumagalli (1998, p.15) responde a questão considerando os seguintes pontos: “a) o direito das crianças de aprender ciências; b) o dever social obrigatório da escola [...] de distribuir conhecimentos científicos ao conjunto da população, e c) o valor social do conhecimento científico”.

A autora aborda a criança como um sujeito social que têm os mesmos direitos que os adultos de apropriar-se do conhecimento científico e um dever da instituição de ensino a transmissão desse conhecimento. Ela aponta que “não ensinar ciências nas primeiras idades invocando uma suposta incapacidade intelectual das crianças é uma forma de discriminá-las como sujeitos sociais” (FUMAGALLI,1998, p.15).

Assim, para a efetivação do Ensino de Ciência a organização didático-metodológica utilizada neste trabalho, permeia a Alfabetização Científica utilizando o Tema de Pesquisa (REGO, 1999), quais sejam, Estudo da Realidade, Organização do

Conhecimento e Aplicação do Conhecimento, integrando temas científicos que estejam relacionados com os interesses, questionamentos e preocupações das crianças como o tema Seres Vivos que será o bloco de conteúdos utilizados no nosso trabalho.

4. Metodologia “Tema de Pesquisa”

Esta metodologia foi utilizada na pesquisa de Mestrado para avaliar suas contribuições para o Ensino de Ciências na Educação Infantil. A seguir apresentaremos as etapas da metodologia:

Os **Temas de Pesquisa** tem sido usado no Núcleo de Educação da Infância/Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - NEI/CAP/UFRN, desde a Reestruturação Curricular na década de 1980. Rêgo (1999, p. 62) considera que essa metodologia é “uma forma de considerar experiências de vida e valores culturais da criança, garantindo o acesso a experiências, onde possam expressar, ampliar suas ideias, conhecimentos e sentimentos”.

Rêgo (1999, p. 62), em seus estudos, aponta que o Tema de Pesquisa teve como referências principais na sua construção, as propostas de Madalena Freire (1983) no seu livro *A paixão de conhecer o mundo* e Sônia Kramer (1989), com o livro *Com a pré-escola nas mãos*.

Rêgo (1999), discorre que houve contribuições dos critérios utilizados nos momentos pedagógicos de Delizoicov, Angotti; Pernambuco, (2011) os mesmo critérios estavam sendo utilizados nas tomadas de decisões em sala de aula, fazendo parte do Tema de Pesquisa. Assim, na releitura do marco referencial da metodologia, Rêgo (1999) identificou os três momentos pedagógicos no Tema de Pesquisa da seguinte forma:

O primeiro momento, **estudo da realidade (ER)**, é onde, a partir do que o grupo já sabe sobre o assunto, sistematizam as questões a serem estudadas. Nesse momento, é hora da professora, organizadora do trabalho, observar, ouvir e questionar as crianças, incentivando-as a verbalizarem, para que possam expressar o que já sabem sobre o tema, o que querem saber e de que forma podem encontrar as informações que procuram.

O segundo, **organização do conhecimento (OC)**, caracteriza-se pela busca das informações/conhecimentos construídos historicamente pelo homem. A partir das questões inicialmente postas, a professora organiza atividades significativas que possibilitem às crianças avançarem no conhecimento. Nesse momento a professora tem um papel fundamental, de mediadora do conhecimento, ou seja, como a “pessoa” que “sabe mais”, orientando a as crianças a se lançarem em busca das respostas aos questionamentos propostos pelo grupo, estejam elas em livros, bibliotecas, internet, museus, especialistas, entre outros.

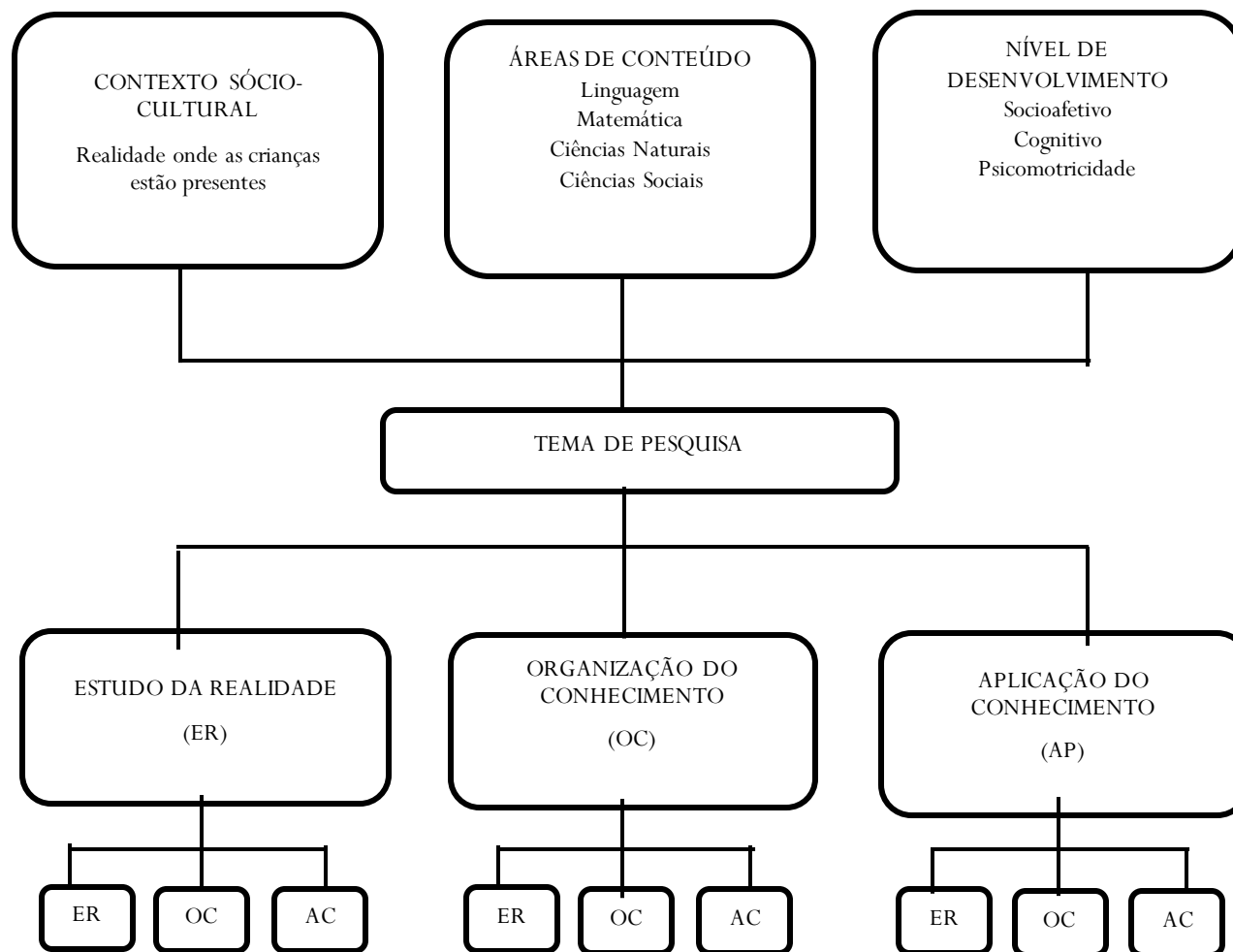
O terceiro momento, **aplicação do conhecimento (AC)**, caracteriza-se pela síntese de tudo que conseguiram aprender sobre o assunto, através de uma das várias formas de expressão, seja do desenho, da imitação, da escrita, o novo conhecimento. A professora propõe uma volta as questões iniciais para uma retomada, pelo grupo, dos questionamentos gerados no estudo da realidade (ER), que por sua vez geraram as atividades propostas. Em todos os estudos realizados é produzido um texto coletivo, como forma de registro, fazendo o fechamento. Nesse momento, professoras e crianças contribuem com suas impressões, visões e conhecimentos (RÊGO, 1999, p.70).

Alguns critérios são apontados como balizadores para a escolha do Tema de Pesquisa (RÊGO, 1999, p. 65):

- ✓ Precisa ser um assunto que gere questionamentos, necessidade de ir em busca de um aprofundamento maior, possibilitando, dessa forma, o diálogo;
- ✓ Que contribua para uma visão mais ampla da realidade onde o indivíduo está inserido, favorecendo um melhor entendimento do mundo em que vive;
- ✓ Unifique/aglutine conceitos de outras áreas de conhecimento, com a perspectiva de articular-se com outros conhecimentos, podendo ser ampliado para outros temas;
- ✓ Envolver um componente afetivo do grupo, para ser significativo, ou seja, que todo grupo esteja curioso e interessado em saber mais/investigar aquele determinado assunto.

Rêgo (1999) assinala que os momentos pedagógicos do Tema de Pesquisa, tem um caráter de movimento, de dinamicidade, em todos os momentos constitutivos da sequência estão imbricados na outra, como a autora explicita no quadro a seguir:

Figura 1 – Momentos Pedagógicos do Tema de Pesquisa



Fonte: Rêgo (1999, p. 71).

Fundamentado nessa perspectiva, entendemos que desde a Educação Infantil já é possível colocar os alunos frente as situações diárias e concretas que envolvam a Ciência, de modo a não exigir uma ampliação e profundidade fora do seu alcance, mas que, dentro das possibilidades de seu nível de desenvolvimento, possam propiciar um espaço de reflexão, análise, compartilhamento e confronto de ideias.

Dessa forma utilizamos em nossa pesquisa a metodologia do Tema de Pesquisa, que permeou os conteúdos do bloco Seres Vivos, como também, a prática dialógica da mediação, com a certeza de que é na interação com o outro que ocorre aprendizagem.

5. Organizando a sequência didática por meio do Tema de Pesquisa

Para um melhor entendimento da metodologia organizamos em 3 partes. O critério utilizado para a escolha do tema foi interesse das crianças pelos Animais Silvestres.

Parte 1 - Estudo da Realidade

Nesta etapa diagnóstica iniciamos o preparo e planejamento das ações, buscando identificar os conhecimentos prévios sobre Animais Silvestres, assim como também: os recursos materiais e ambientes da escola e fora dela, que seriam utilizados, lista dos especialistas envolvidos (grupos sociais ou indivíduos envolvidos na situação estudada) que poderíamos consultar e etc..

Este foi o momento de compreender o outro e o significado que a proposta tem em seu universo e ao mesmo tempo permitir-lhe pensar, com um certo distanciamento, sobre a realidade na qual estamos imerso. Foi o momento da fala do outro, da decodificação inicial proposta por Paulo Freire, quando cabe ao professor, ou ao organizador da tarefa, ouvir e questionar, e entender e desequilibrar os outros participantes, provocando-os a mergulhar na etapa seguinte. Este primeiro momento constitui o Estudo da Realidade (ER), Pernambuco (1994, p. 35-36).

Para esse momento foi realizada a leitura da cartilha “Uma Visita ao Bosque dos Papagaios” que foi emprestada pela sala de leitura do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima – Cap/UFRR, e de publicação da Prefeitura Municipal de Boa Vista, através da Secretaria Municipal de Gestão Municipal Ambiental, que busca sensibilizar as crianças para a necessidade de preservar o meio ambiente. Após a leitura da cartilha, organizamos dois momentos: primeiro, levantar as questões iniciais, conhecimentos prévios, sobre o que as crianças sabem acerca do tema Animais Silvestres. Em seguida, perguntamos o que elas queriam saber sobre o tema. Realizamos esses momentos numa roda, pois, a roda é um momento onde as crianças expressam seus sentimentos e desejos. Na roda é o lugar onde se faz a rotina os combinados da Educação Infantil para organização diária.

O QUE SABEMOS:

Aluno 1 - O LEÃO COME CARNE CRUA.

Aluno 2 - TEM COBRA GRANDE E COME PESSOAS.

Aluno 3 - LEÃO COME CARNE.

Aluno 4 - GAVIÃO COME PEIXE, O PINTINHO E A CARNE, TIGRE.

Aluno 5 - CORUJA COME PEIXE.

Aluno 6 - CAMALEÃO COMO PEIXE.

Aluno 7 – CAMALEÃO

Aluno 8 - GAVIÃO

Aluno 9 – LEÃO

Aluno 10 - ZEBRA

Aluno 11 - TIGRE

Aluno 12 - ONÇA

Aluno 13 - ARARA

Aluno 14 - CAMALEÃO

Aluno 15 - JACARÉ

Aluno 16 - LEOA

Aluno 17- CACHORRO

Aluno 18 - TIGRE

Após a fala das crianças a respeito do que sabiam sobre os Animais Silvestres, fizemos uma votação, o animal mais votado foi o Leão e o Camaleão. Optamos pelo Camaleão por ser um animal presente na região. Após a votação, perguntamos o que eles queriam saber sobre o camaleão.

O QUE QUEREMOS SABER SOBRE O CAMALEÃO:

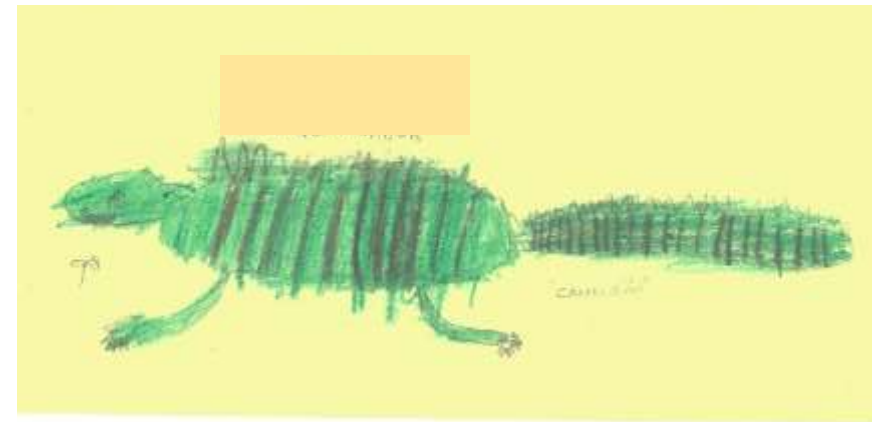
- Aluno 1 - VAI PARA TODOS OS LUGARES
- Aluno 2 - DÁ UMA LAPADA EM NÓS
- Aluno 3 - ELE BATE NA CARA DE TODO MUNDO
- Aluno 4 - ELES CAÇAM COMIDA
- Aluno 5 - COMO QUALQUER COISA, COME ATÉ CIGARRO
- Aluno 6 - ELE PICA?
- Aluno 7 - O QUE ELE COME?
- Aluno 8 - ELE RODA? ELE MUDA DE COR, ELE É COLORIDO.
- Aluno 9 - ELE SOBE NA MANGUEIRA.
- Aluno 10 - ELE NASCE DO OVO.
- Aluno 11 - ONDE ELE MORA? NA ARVORE, NA CAVERNA
ELE TEM ESPINHOS?

A partir das falas das crianças e da contação da estória “Uma Visita ao Bosque dos Papagaios” pedimos as crianças para fazerem o registro através do desenho, que poderia ser da própria estória ou do animal escolhido, o camaleão.

Alguns registros:



Desenho do camaleão.

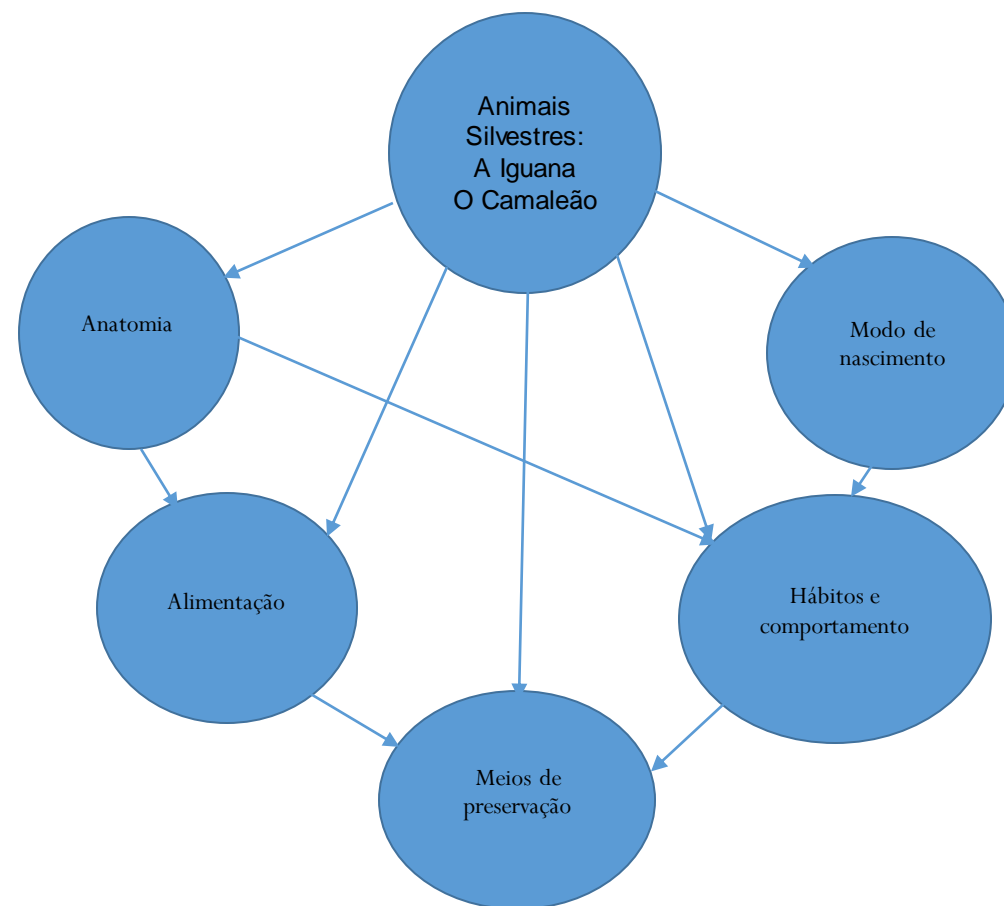


Desenho do camaleão. Desenhos feitos com lápis de cor sobre papel sulfite (2016), crianças de 5 anos

Nas falas e nos registros das crianças sobre o camaleão, percebemos uma mistura quanto as características do camaleão e da iguana. Com base nessas falas foi necessário reorganizar o planejamento, e decidimos trabalhar o tema com os dois animais (camaleão e iguana) partindo para as semelhanças e diferenças e a preservação no ambiente.

Seguindo com o planejamento das ações para a terceira etapa, construímos uma “rede antecipatória” Helm e Beneke (2005), para mapear as possibilidades de abordagem do tema. Essa rede apresenta uma visão geral do que está sendo trabalhado e o que ainda será desenvolvido no decorrer do estudo. Isso não quer dizer que ele não possa ser alterado, pelo contrário, a medida que se desenvolve o tema, surgem outras possibilidades que poderá ser incluído no planejamento.

Rede antecipatória da pesquisa:



Rede antecipatória. Fonte: Autora da pesquisa. Adaptação de Helm e Beneke (2005).

Parte 2 e 3 – Organização e Aplicação do Conhecimento

Baseado na fala das crianças, na parte 1 – ER, demos continuidade com o planejamento no seguinte formato: **5 encontros**. Organizamos os encontros da seguinte maneira: 1º encontro – Apresentação e discussão sobre o Camaleão; 2º encontro - Apresentação e discussão sobre a Iguana; 3º encontro – visita ao Mini-Zoo do 7º BIS; 4º encontro – Retomada da visita ao Mini-Zoo e discussão sobre a preservação dos Animais Silvestres e o 5º encontro – Exposição dos trabalhos e apresentação das crianças.

Na apresentação e discussão sobre o Camaleão e a Iguana, fizemos algumas atividades para sistematizar o conhecimento. Fizemos exposição de imagens desses animais, mostrando suas características físicas, copáramos as semelhanças e diferenças, apresentação de vídeos com seu habitat natural, alimentação, reprodução e os meios de preservação. Como forma de registro, utilizamos os desenhos e as falas das crianças para a construção do texto coletivo.

O CAMALEÃO MUDA DE COR

O CAMALEÃO MUDA DE COR. ELE GOSTA DE COMER BESOURO, INSETOS E MOSQUITOS. O CAMALEÃO, ELE MORA NA FLORESTA, NO TOPO DA ÁRVORE. ELE NASCE DO OVO. O SEU OLHO FICA GIRANDO COMO UMA RODA GIGANTE. ELE MUDA DE COR PARA SE CAMUFLAR, SE DEFENDER E NAMORAR. O RABO FICA ENROLADO.

TURMA 29

Texto coletivo - Camaleão

O professor como mediador da aprendizagem, tem o papel de escriba nesse momento do texto coletivo, onde ele organiza a fala das crianças, fazendo uma síntese de maneira clara e objetiva. O texto coletivo e os desenhos realizados pelas crianças como forma de organizar e sistematizar o conhecimento sobre o tema estudado. Nesse sentido, RÊGO (1995, p.111), acerca dessa prática, nos diz que:

“O registro coletivo é garantido após cada acontecimento significativo, como forma de síntese das informações relevantes acerca do tema estudado. Estes registros escritos pelas professoras, a partir das falas das crianças, são permeados de desenhos que permitem a criança fazer um pseudo-leitura.”

Durante a exposição dessas características, fomos organizando as falas das crianças, sistematizando para melhor entendimento. Algumas falas como:

- Aluno 1 - a iguana se parece com o camaleão, mas não é;
- Aluno 2 - o olho do camaleão gira, o da iguana não;
- Aluno 3 - a iguana tem espinhas caudais, o camaleão não tem espinha;
- Aluno 4 - O camaleão tem cauda e a iguana também;
- Aluno 5 - o camaleão usa a cauda enrolada e a iguana esticada, porque se vier algum bicho ele dá uma rabadinha para se defender;
- Aluno 6 - A iguana mora na floresta, não podemos derrubar as árvores porque elas moram lá;
- Aluno 7 - não podemos queimar as árvores senão eles morrem;
- Aluno 8 - A iguana também pode morar na caverna;
- Pesquisadora - Será???
- Aluno 9 - Não, ela tem medo do morcego.

Fala das crianças no momento da discussão sobre o camaleão.



Painel com características do Camaleão e Iguana. Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Alguns registro feitos com desenhos:



Desenho do camaleão



Desenho do camaleão cheirando uma flor. Desenhos feitos com lápis grafite sobre papel sulfite (2016), crianças de 5 anos.

Concomitantemente, planejamos uma visita ao Mini Zoológico que se deu como contextualização do tema pesquisado, pois desde 2005, o comando do 7º Batalhão de Infantaria de Selva 7º BIS de Roraima, foi legalmente autorizado a abrigar Animais Silvestres sem condições de viverem ou sobreviverem no seu habitat natural. Conhecido como Mini-Zoo do 7º BIS, mantém animais oriundos de apreensões, atropelamentos e doações, está localizado no bairro 13 de setembro, na Avenida General Sampaio, em Boa Vista/RR.

Para essa visita foram necessários um planejamento antecipado, como o envio de ofício para agendamento da visita junto ao 7º BIS; envio de ofício para a Secretaria Municipal de Educação solicitando o transporte para fazer o traslado e envio de autorização dos pais para a saída da escola com as crianças.

Para o momento do planejamento da aula passeio (visita mini zoo do 7º BIS), Freinet (1979) organizou quatro momentos: preparação, ação, prolongamento e comunicação. Sampaio (1996), descreve que a preparação é a motivação inicial, onde as crianças participam de forma integral, é a etapa para chegar na descoberta. A ação é a aula da descoberta, é

o momento que o professor registra as situações na hora do ocorrido, levanta questões aguçando a imaginação, comparando com a realidade.

O prolongamento se dá por meio da comunicação e o registro, feitos no mesmo dia da visita, é importante para que não se perca nenhum detalhe. A comunicação é o memento de discussão de como será feita a apresentação da visita, se em forma de teatro, painel, entre outros. É a síntese para posteriores estudos em outras disciplinas (SAMPAIO, 1996, p. 185).

Refletindo sobre Alfabetização Científica com crianças da Educação Infantil, Lorenzetti e Delizoicov (2001) propõe, um ensino de ciências que não forme somente cientistas, mas que forneça elementos para que os alunos sejam capazes de compreender e discutir assuntos científicos aplicando no mundo real. O que queremos com nossa pesquisa é mostrar que é possível trabalhar questões científicas com crianças pequenas de uma maneira natural, dentro do cotidiano delas.



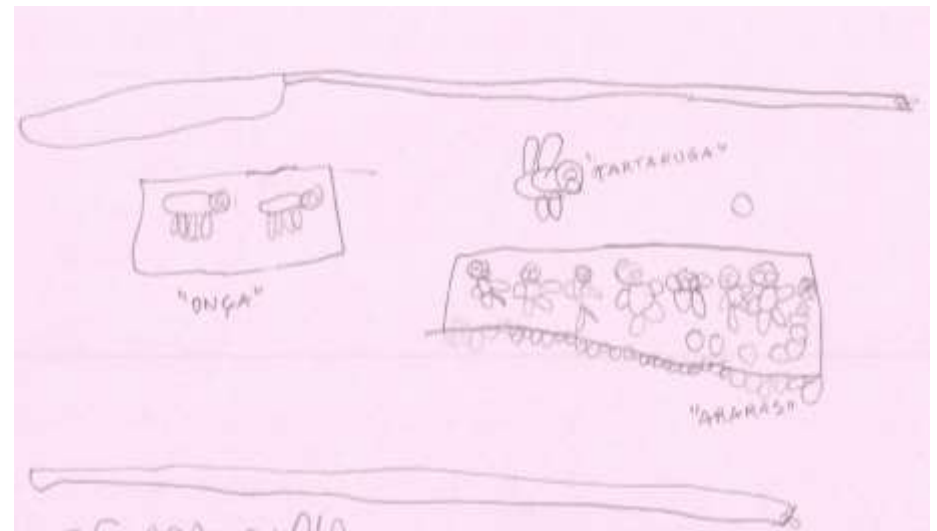
Crianças no tanque apreciando as tartarugas e cágados. Fonte: acervo da pesquisadora.

Percebemos o quanto foi proveitoso e estimulante para as crianças essa vivências em outro ambiente. Foi um momento de aguçar a imaginação das crianças e indagações sobre cada animal que viam. Um momento de grandes descobertas e aprendizagem. Lorenzetti e Delizoicov (2001) discute que o ensino não deve se restringir a apenas aprendizagem de vocabulário, é necessário trabalhar as habilidades dos alunos no processo de construção do conhecimento científico.

Ao terminar a visita, foi feito um lanche no prédio do comando, em um espaço reservado para melhor acomodação as crianças. Chegando na escola, as crianças fizeram o registro da visita ao Mini Zoo através de desenho.



“Caminho do zoológico”.



Onça, tartarugas e araras. Desenhos feitos com lápis de cor sobre papel sulfite (2016), crianças de 5 anos.

Estes desenhos configuram um registro, com uma reflexão do animal que mais gostou e o pensar de como poderia registrar a visita ao Mini Zoo. Segundo Luquet (1969) apud Augusto (2014, p. 82 e 83), “o desenho pode ser visto como um modo próprio utilizado pela criança para compreender o que a cerca, registrar na memória e comunicar visualmente suas ideias”.

Para finalizar o estudo sobre os Animais Silvestres, organizamos um painel com os registros realizados, como desenhos, imagens e textos coletivos.

Esse é o Momento da Aplicação do Conhecimento (AC), observem que este momento não aconteceu só no final do estudo, mas em todas as etapas que fazíamos os registros, estavam acontecendo a AC.

No último dia, fizemos uma retomada geral com as crianças de tudo o que tinha realizado durante os encontros. Eles ficaram surpresos com seus próprios desenhos, por estar lá no painel. Queriam pegar nos desenhos, passar a mão, ficaram admirados com o que eles tinham feito. Foi também um momento de lembrar a visita ao Mini Zoo e um momento de descontração, pois saíram da rotina de atividades que aconteceu de uma maneira diferente.

Convidamos outra turma do 2º período para visitar a exposição dos trabalhos e aprender um pouco mais sobre os Animais Silvestres. Visto que uma das crianças de propôs a apresentar para turma, com a orientação da pesquisadora, o que eles tinha estudado sobre esses animais.



Crianças apreciando os trabalhos realizados. Fonte: acervo da pesquisadora



Trabalhos realizados pelas crianças, painel dentro da sala de aula. Fonte: acervo da pesquisadora

Para Finalizar

Ao final da pesquisa, analisamos o processo, as etapas organizadas e os resultados obtidos nas atividades propostas para os alunos, observamos que a Metodologia do Tema de Pesquisa apresenta inúmeras contribuições importantes para o desenvolvimento de estudos para o Ensino de Ciências. Por ser uma metodologia que tem em seus momentos, uma dinamicidade contínua, o professor tem a possibilidades de retomar e avançar o estudo, quantas vezes forem necessárias. Além de Organizar (OC) e Aplicar o Conhecimento (AP) para sistematizar cada momento do estudo. Assim, Rêgo (1999), p. 73 aponta que,

A todo o momento a professora está conhecendo a visão das crianças sobre acerca do tema em estudo, questões estão sendo levantadas, sistematizações e sínteses provisórias estão sendo elaboradas, e a partir delas novas questões surgem para serem investigadas (RÊGO, 1999, p. 73).

No entanto, é imprescindível que o professor, para êxito nos resultados, planeje, como sugestão temos a rede antecipatória, busque os conhecimentos científicos dos

conteúdos abordados, faça uso de textos, imagens e vídeos como recursos que contribuam para o processo educacional das crianças.

Além desse materiais, também pode ser utilizados outras metodologias dentro do Tema de Pesquisa, como por exemplo aula passeio de Freinet (1979), pois uma complementa a outra e ajuda na organização do planejamento.

Deste modo, surge a necessidade de atualizações do professor e pesquisas constantes, como forma de contribuir para o processo educacional de todos os alunos da pesquisa proposta.

Os resultados a que chegamos com a análise dos registros confirmam que a metodologia utilizada, aliado a outras estratégias de ensino, como vídeos, imagens e visita ao Mini-Zoo, consiste em um elemento valorizador da realidade das crianças como ponto de partida para um estudo significativo.

Entendemos que a contribuição dessa pesquisa se dá também pelo fato de que para além do objetivo proposto para a investigação, a riqueza dos eixos Educação Infantil, Ensino de Ciências e Tema de Pesquisa possibilita a continuidade dos estudos, que poderão gerar projetos e discussões sobre a

metodologia utilizada na Educação Infantil em diversas áreas
do conhecimento por meio do Tema de Pesquisa.

Referências

BENEKE, Sallee; HELM, Judy H. **O poder dos projetos**: novas estratégias e soluções para a educação infantil. Porto alegre: Artmed, 2005.

FREINET, Elise. **O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão da Pedagogia Freinet**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

LORENZETTI, LEONIR, Delizoicov, Demétrio. **Alfabetização científica no contexto das séries iniciais**. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências [On-line] 2001, 3 (Junio-Sinmes): [Data de consulta: 03 / abril / 2015] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=129517973004>> ISSN 1415-2150.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Docência em Formação).

PERNAMBUCO, Marta M. C. A. Quando a Troca se estabelece. In: PONTUSCHKA, Nidia. N. **Ousadia no Diálogo**: Interdisciplinaridade na Escola Pública. São Paulo: Loyola, 1993. p. 19-35.

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **RECORTES E RELATOS a criança de 2 e 3 anos no espaço escolar**. Natal: Dissertação de Mestrado. UFRN, 1995.

_____. O currículo em movimento. **Caderno Faça e Conte**. Natal: EDUFRN, nº 2, 1999.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker F. A aula passeio transformando-se em aula de descobertas. In: ELIAS, Marisa D. C.(org). **Pedagogia Freinet: teoria e prática**: Campinas,SP: Papyrus, 1996.